

De más a boazinhas: a prostituição no fio do discurso da moral

Mirielly Ferraça¹

*As mulheres boas vão para o céu.
As mulheres más vão para qualquer lugar.*
(Rede Brasileira de Prostitutas)²

Resumo: A partir de entrevistas realizadas com quatro garotas de programa (com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE), esta pesquisa visa analisar algumas Sequências Discursivas (SD) tomando por base a Análise do Discurso de orientação francesa. Vê-se que as garotas julgam com a mesma moral com que são julgadas; assim, busca-se contemplar os enunciados que mostram as entrevistadas como moralistas e seguidoras da moral instituída como “certa” e “aceitável”. O que se nota com a pesquisa é que o discurso cristalizado sobre a prostituição impera e reflete na fala das entrevistadas, mostrando também um discurso contraditório, de mulheres que vivem no entremeio: não estão nem só na margem e não fazem parte plenamente da dinâmica social aceita como “correta”.

Palavras-chave: Prostituição. Entrevistas. Análise do Discurso.

¹ Mestre em Letras pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - Cascavel), Graduada em Letras Português Italiano pela UNIOESTE (2006/2009) e Jornalista formada pela Universidade Paranaense (UNIPAR - 2006/2009).

² Disponível em: <www.beijodarua.com.br>.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 15	n. 25	p. 173 - 196	Recebido em: 31 maio 2013. Aprovado em: 30 ago. 2013.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	--

Introdução

Histórias que se repetem. Memória que se perpetua. Retratadas de inúmeras formas, por diversos escritores, em diferentes épocas, a Literatura e o cinema não se cansam de trazer fortes personagens femininos que mostram a difícil e estigmatizada vida de meretrizes. Literatura que conta, cinema que mostra, vida real que imita e se deixa imitar. Tratar da “profissão mais antiga do mundo” (frase dita e repetida pelo senso comum) é contar mais uma das muitas histórias sobre as mulheres que vendem o corpo por dinheiro; demasiadamente comum se não existissem sentidos que se repetem, ditos que ecoam por meio dos séculos.

Mirielly Ferraga

174

Vende-se sexo no *Porto das Sereias*³ e também se doam histórias. Quatro são as protagonistas desta pesquisa e a partir de seus enredos a análise é tecida. Lembranças de amor, sofrimentos, sacrifícios, renúncias, justificativas e, por vezes, alguns silencia-mentos marcam a história dessas garotas. Embora pareçam relatos singulares, vê-se que se trata, na verdade, de uma memória (ins)(cons)tituída.

Mônica, Ana Paula, Carol e Duda são nomes fictícios que relatam histórias “reais”⁴. Tal quais as sereias, seres híbridos de mulher e peixe, caracterizadas pelo cantar sublime que fascina e envolve os navegantes, as garotas que vendem sexo no *Porto das Sereias* também esperam e enlaçam os marinheiros que ali desembarcam em busca de um *Porto* seguro e acalentador, desejosos e carentes, à procura da satisfação de seus desejos. São navegantes submetidos aos (en)cantos de mulheres divididas.

Marcadas ideologicamente pelos preceitos morais vigentes, as entrevistadas julgam os “errados” e buscam, ainda que sob os esquecimentos 1 e 2, enaltecer que, apesar de serem garotas de programa e estarem à margem, são “boas” mulheres. Nas SDs destacadas observa-se que as garotas julgam a partir da mesma moral que são julgadas, ou seja, elas estão fora, à margem, mas ainda assim estão dentro dos valores morais ao se valerem deles

³ *Porto das Sereias* é um nome criado nesta pesquisa remetendo a casa noturna em que as garotas entrevistadas se prostituem. O nome original é omitido em respeito aos princípios éticos em pesquisa.

⁴ Utiliza-se a palavra “reais” para caracterizar que se trata, efetivamente, de relatos de mulheres de nosso cotidiano que vivem da venda de sexo, apesar de entender que as histórias relatadas se constituem por um imaginário ideológico e social, não podendo ser caracterizadas como “histórias reais”.

para delinear o “certo” e o “errado”, repetindo os dizeres cristalizados sobre a venda do corpo.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, recebendo o parecer positivo no dia 28 de junho de 2012. A entrevista foi realizada nos dias 1 e 6 de agosto de 2012 em uma boate de Cascavel-PR. A linha teórica condutora da pesquisa é a Análise do Discurso de orientação francesa, calcada nos preceitos de Pêcheux.

1 DINÂMICA SOCIAL E MORALIDADE

Na prática discursiva das garotas de programa, as contradições se chocam e se confrontam nas suas duas faces distintas, mas inseparáveis: de um lado o bom, o certo, o virtuoso; de outro o mau, o errado, o vício. Tal jogo de oposição constituído na e pela sociedade, na e pela ideologia, guia, de certa forma, por meio das formações discursivas, memória, interdiscurso e condições de produção, o modo de ser dos sujeitos, definindo o que pode e deve ser dito. Dessa forma, “bom” é aquele que segue plenamente o que é exigido, desejado e esperado socialmente; ele é moralmente correto, porque corresponde aos padrões aceitos pela comunidade em que vive. Já o “mau” é descrito como aquele que possui caráter ruim, moralmente condenável. A partir da Análise do Discurso, sabe-se que estas dualidades, dicotômicas e contraditórias, e aquilo a que elas se referem e definem como estando em cada lado do pêndulo são definidas pela ideologia, pela história e pela língua:

Assim, **norma e ideologia se confundem, sendo a primeira o modo pelo qual a segunda se concretiza em práticas precisas, minúsculas, cotidianas**, e que vêm a consistir na trama da sobrevivência das sociedades e, no nosso caso, do sistema capitalista (CHAUI, 1984, p. 24 – grifos meus).

Para Vazquez (1993, p. 134), o bom e o mau são constituídos em conjunto e, para ele, é no seio social que tais delimitações ocorrem:

*De más a boazinhas:
a prostituição no fio
do discurso da moral*

O bom e o mau se encontram numa relação recíproca e constituem um par de conceitos axiológicos inseparáveis e opostos. Definir o bom implica, pois, em definir o mau. Toda concepção do bom acarreta necessariamente, de um modo explícito ou implícito, uma concepção do mau. **Mas não se trata de uma concepção puramente lógica, e sim histórica e real** (Grifos meus).

Dessa forma, para as leis que regem a moral a ser seguida haverá dois lados, em que posições e condutas são delineadas uma por oposição a outra. O conjunto de valores estabelecidos socialmente supõe, desde o seu início, a transgressão. Como assevera Chauí (1984, p. 24), “A norma, ao mesmo tempo, multiplica a norma e a indica. Ela requer, portanto, fora de si, ao seu lado, tudo aquilo que ainda lhe escapa”. O desvio da norma é considerado uma anormalidade e o sujeito imoral é forçado a viver à margem.

Para Gianotti (2007, p. 343), “existem muitas formas de moralidade, cada grupo social ou profissional tem sua identidade assegurada por normas consentidas, cuja infração provoca censura e até mesmo exclusão do grupo”. No caso das garotas de programa, elas são marginalizadas por não serem aceitas (embora sejam, ainda que não explicitamente), por se contraporem ao modelo idealizado de mulher; elas são, dessa forma, estigmatizadas por não seguirem a moral vigente. Assim, por oposição à imagem que se tem da mulher/esposa (monogâmica, destinada à família e ao casamento), existe a prostituta (aquela que possui relações com vários homens e por dinheiro, que não se encaixa no modelo familiar canônico e, enquanto garota de programa, não poderia viver sob os votos sagrados do matrimônio).

Como se percebe pelas colocações sobre o assunto, o mundo se faz e é lido a partir de uma moral “que designa o conjunto dos princípios, normas, imperativos ou ideias morais de uma época ou de uma sociedade determinada” (VAZQUEZ, 1993, p. 52). Porém, segundo o autor, ela só será efetivada quando o grupo social agir de acordo com ela. Aceitam-se os virtuosos, é fato, mas, em contraposição, também se lida com os que estão à margem, muito embora esses sejam segregados de formas visíveis e invisíveis, contribuindo para a dinâmica social.

Os sujeitos vivem em uma formação social relativamente fechada em termos de ideologia e esta dita, em termos de discurso e de atitudes, o que pode e deve ser dito, o que pode e deve ser sentido, o que pode e deve ser pensado, agindo sobre eles por meio da língua e da história, ou seja, formatam os indivíduos em padrões de proceder socialmente, de sentir, perceber e de intermediar a experiência com o mundo. Segundo Pêcheux (1997), o sujeito não é livre e nem dono de suas escolhas; ele é constituído por meio da imersão na ideologia, sem dar-se conta e sem ter a possibilidade de desvencilhar-se dessa interpelação: ele nasce e vive num sistema ideológico com valores pré-formatados que direcionam suas “escolhas” e dizeres. Por meio dos esquecimentos 1 e 2, o sujeito tem apenas a ilusão de liberdade, quando, na verdade, é constituído pela aceitação inevitável dos preceitos sociais previamente concebidos.

*De más a boazinhas:
a prostituição no fio
do discurso da moral*

177

Os homens fazem a escolha, mas não determinam, ao mesmo tempo, as condições sob as quais sua escolha é feita, nem mesmo as influências de classe que de modo geral os predis põem a preferir uma ou outra alternativa. Essas restrições deixarão qualquer margem para a liberdade de escolha pelos indivíduos e, se assim for, o que entendemos exatamente por ‘liberdade’? (ASH, 1965, p. 108 – grifos meus).

O que ocorre, então, é que o sujeito tenha a ilusão de liberdade, de estar escolhendo o que acha melhor para si, e esta ilusão é fundamental para o funcionamento da ideologia; por meio dela, o sujeito tem a impressão de que faz escolhas, que é dono de suas palavras e julga que elas estejam sob seu controle, sejam dotadas de intenção e tenham um sentido evidente.

Antes mesmo de nascer, o sujeito já faz parte de uma trama social; o indivíduo é interpelado pela ideologia em sujeito por formações ideológicas representadas por suas formações discursivas correspondentes; sendo assim, ele não poderia ser a origem de si. Como afirma Pêcheux (1997), a interpelação permite observar o “teatro da consciência” a partir dos bastidores; fala-se ao sujeito, fala-se do sujeito antes que ele possa dizer: “Eu falo”. Para Orlandi (1999), sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, no entrelaçar da língua com a história, do imaginário com a ideologia. O que se quer dizer é que não é o sujeito que instaura

os sentidos; estes significam antes e em outro em lugar:

Frequentemente, **não notamos a origem cultural dos valores morais, do senso moral e da consciência moral porque somos educados (cultivados) para eles e neles, como se fossem naturais** ou fáticos, existentes em si por si mesmos. [...]. **A naturalização da existência moral esconde**, portanto, a essência da moral, ou seja, **que ela é essencialmente uma criação histórico-cultural**, algo que depende de decisões e ações humanas (CHAUI, 2003, p. 307 – grifos meus).

Por causa da injunção ideológica e dos esquecimentos é que o sujeito adquire e absorve os valores sociais, não só fazendo parte deles, mas também reproduzindo e reforçando os costumes morais. Tem-se na voz das garotas de programa entrevistadas para essa pesquisa um dizer imperativo sobre o comportamento social e a clara distinção entre o que se julga certo e errado. Os envolvidos na trama social desde sempre estão presos aos valores aceitáveis e passam a repudiar o inaceitável. A injunção ideológica tem uma existência tão eficaz que, apesar de serem prostitutas, de viverem da venda do sexo e de sustentarem filhos e familiares com o corpo, ainda assim afirmam que a prostituição “não é uma coisa certa”, “não é uma coisa boa” e “é uma coisa errada”. Como se percebe, a submissão aos ensinamentos recebidos da família, da Igreja e da escola, dentre outros, as leva a afirmar que aquilo que fazem, apesar de ser o seu meio de sobrevivência e mesmo propiciador de certo prazer ou que se satisfaçam em fazê-lo, não é “certo”, porque se refere à venda de sexo por dinheiro, assim, elas praticam o “errado”.

A exemplo das entrevistadas, o sujeito se diz a partir do que é dito e afirmado sobre ele. As diferentes formações discursivas, moralistas, difundidas e defendidas por instituições sociais, como a esfera religiosa, jurídica, familiar e escolar, entre outras, são reafirmadas continuamente para que o fio discursivo funcione a partir do funcionamento do fio ideológico, que mantém o controle social. Apenas é possível jogar contra o poder ideológico por meio daquilo que lhe escapa: a falha e o equívoco.

2 OLHO NO ESPELHO E SÓ VEJO O OUTRO: NO FIO DA NAVALHA

A contradição entre a afirmação de que a prostituição é “ruim” e, mesmo assim, permanecer no meretrício, permeia o discurso das garotas de programa. Poder-se-ia afirmar que o seu discurso beira ao “falso moralismo” e o que as conduz é o dito popular: “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Como forma de se justificar e se defender, elas se mostram (consciente e/ou inconscientemente) seguidoras dos “bons costumes”, dizem-se desfavoráveis à promiscuidade, são contra a liberdade sexual de garotas de 13 anos, são contrárias à prostituição (apesar de exercê-la), enfim: são “boas” mulheres aquelas que seguem, a partir das crenças e dos valores, o que é delineado como “certo” e aceito socialmente. Elas estão à margem, mas isto não ocorre por escolha ou por culpa delas; as justificativas para a entrada na “noite” tentam argumentar em prol da posição de que a prostituição não teria sido uma opção; a falta de escolha e inúmeras outras razões, como o divórcio, o desemprego, os filhos, a influência de amigas e mesmo o destino, as puseram nessa situação.

Segundo as entrevistadas, se tivessem opção não estariam se prostituindo, como evidenciado num trecho da SD 01:

(SD 01) Se nós tivesse, meu Deus... **se eu tivesse oportunidade não taria aqui nunca** (Carol – grifos meus)⁵.

Ou seja, se elas pudessem, não seriam as “más” mulheres, estariam do outro lado: seriam as mulheres e esposas “boazinhas”, atendendo ao que é previsto pela sociedade e pela ideologia.

As entrevistadas afirmam e reafirmam o que é delineado pela sociedade como aceitável, apresentando-se como sujeitos que, apesar de transgredirem o que se considera uma boa conduta e estarem à margem, seguem os valores sociais entendidos como morais. Ratificar os preceitos morais e considerá-los como fundamentais as auxilia na busca de mostrar o quanto elas são “boas”. Se ser bom é seguir os preceitos aceitos socialmente, a

*De más a boazinhas:
a prostituição no fio
do discurso da moral*

179

⁵ Todas as SDs destacadas neste trabalho fazem parte de entrevistas realizadas nos dias 01 e 06 de agosto de 2012, cujo projeto de pesquisa recebeu autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná no dia 28 de junho de 2012.

defesa desses valores, ainda que, de determinada maneira, sob a tutela de um falso moralismo, tem como objetivo fazer com que a imagem das garotas entrevistadas passe a ser vista como positiva, já que elas compartilhariam do que se considera “bons” costumes. Duda, ao contar que ganhou de presente de aniversário um carro de um dos clientes, como evidenciado na SD 02, afirma que ele “até” queria se casar com ela, mas, por já ser casado, ela recusou o pedido:

(SD 02) Ah, ele era muito assíduo, **queria até casá comigo.**

Pesquisador: E você não quis?

Ah não, porque eu penso assim, igual que eu dizia pra ele, esse cliente era... nossa ele gastava horrores na noite comigo, aí quando chegou o momento em que **ele falou assim: Olha Duda, eu quero que tu saia da noite**, eu vou dá uma quantidade em dinheiro pra você e você fica em casa ou você monta um negócio pra você mesmo, **aí a gente vai mora junto. Ai eu sei que ele era casado** e tudo, né? **Dai eu falei, mas eu não quero a minha felicidade na tristeza de outra pessoa. O dinheiro é importante nas nossas vidas? É, mas às vezes querê dinheiro, o meu bem-estar nas costas de outra pessoa, vendo outra pessoa sofre, eu acho que também já não é justo** (Duda – grifos meus).

Duda não poderia esconder que mantém relações sexuais com homens casados, até porque, se a prostituição é “aceita”, é para que ela permita dar vazão a necessidades (e fantasias) sexuais de homens (ou mulheres) solteiros(as) ou casados(as). Como afirma Richards (1993, p. 122), “A prostituição era vista como um meio prático de permitir que os jovens de todas as classes afirmassem sua masculinidade e aliviassem suas necessidades sexuais, enquanto evitava, ao mesmo tempo, que se aproximassem de esposas e filhas respeitáveis”. Entretanto, mesmo tangenciando os valores sociais ao se prostituir, Duda se beneficia do discurso tido como moralmente correto e afirma não ter aceitado o pedido de casamento, procurando direcionar o discurso para a conclusão de que não é tão “má” assim, pois ela aceita a conduta moral prevista e a segue, num certo sentido, desviando a atenção do fato de que se vende sexualmente.

Prostituir-se em benefício dos filhos é enfatizado e enaltecido como se fosse quase um “sacrifício”, já que é isso que existe no

imaginário sobre a figura materna, aquela que deve sacrificar-se em prol dos filhos, o que visa (consciente e inconscientemente) à demonstração de quão “boas” mães elas são. Mas, para Duda, o seu “bem-estar” “nas costas de outra pessoa” seria uma agressão “injusta” e, sendo ela uma pessoa “boa”, não admitiria “interferir” (embora interfira ao oferecer sexo pago a homens e a mulheres comprometidos) no casamento de alguém, principalmente pelo fato de essa relação não estar atrelada apenas a preceitos jurídicos e sociais, mas também, e principalmente, a ditames religiosos. Dessa forma, enquanto seguidora da moral vigente, ela não poderia separar o que Deus uniu. Duda não quer ser vista como uma “destruidora de lares”, mas como uma mulher sensata e bondosa, que não deseja a sua “felicidade”, se o preço for o “sofrimento” de outra pessoa. A atitude de Duda mostra a sacralização do matrimônio como uma prática não só perpetuada, mas também “intocada”, que não pode/deve ser quebrada, sob pena de sofrer consequências religiosas e as mazelas sociais que se impõem sobre aqueles que o fazem. Tal pensamento é fomentando (também) pelo discurso religioso, o qual dota o matrimônio de um caráter transcendental e espiritual já que “o que Deus uniu, homem algum separa”.

O discurso de Duda e das garotas entrevistadas, neste sentido, move-se num terreno conflituoso e contraditório, pois elas exercem uma atividade tida como imoral, elas reconhecem e assumem que estão dentro de um terreno não adequado e, inclusive, sancionam a si e aos outros por meio destes princípios. Sobre elas se abate o peso da interpelação ideológica, que define o que pode e deve ser dito, mas, contraditoriamente, elas se valem de estratégias variadas para justificar o que fazem e tentar burlar a moral que o seu discurso avaliza. Falso moralismo, hipocrisia, medo de assumir que gostam do que fazem? Eis uma resposta difícil de ser dada, mas a prática discursiva das garotas mostra que, em alguma medida, elas vivem no fio do conflito e da teia que as enreda, buscando, mesmo que de forma frágil e ineficaz, alguma maneira de pôr em suspensão momentânea os ditames sociais que se abatem sobre elas e sobre a atividade que exercem, mesmo que não lhes falem fregueses.

No fundo, entre levar a vida à margem daquilo que é san-

cionado de forma positiva pela sociedade e sobreviver pelos meios “legais” postos à sua disposição para fazê-lo, a opção se faz pela primeira via e o que efetivamente move as garotas de programa é a busca de retorno financeiro, sendo este o fator decisivo tanto para a entrada quanto para a permanência na vida de meretriz. Entretanto, a SD 02 parece mostrar que, apesar de elas estarem ali por dinheiro, ele não seria digno se viesse “nas costas de outra pessoa”, o que implica em deduzir que, se outra pessoa não for prejudicada, o dinheiro ganho se torna aceitável. Como isso é possível, se elas próprias afirmam que o que fazem é inadequado e o fazem sem a restrição de ocasionar prejuízo ou não a alguém? Percebe-se, portanto, o contorcionismo que acontece num terreno complexo e que, neste caso, busca justificar o injustificável, num contraponto perene entre a vida material (a sobrevivência) e a vida ideológica: uma coisa é o que se diz, outra é o que se faz e de que forma se tenta justificá-lo para não ferir a moral vigente (embora ela seja ferida no seu núcleo). O que sobra, no fim, é uma vida “imoral” tentando se mostrar adaptada ao que seria confirmado pela moral sancionada, sem obter êxito nesta sua empreitada.

A SD 02 é organizada, em termos do esquecimento número 2, da ordem da enunciação, no sentido de que Duda é honrada, digna e uma “boa mulher”. No entanto, este mesmo esquecimento esconde o de número 1, que, por fim, acaba fazendo com que a própria Duda se julgue disforme, devendo justificar-se por isso. Casar-se com o cliente exigiria que Duda deixasse a prostituição. Mas a questão que acaba sobressaindo é: ela recusa o pedido por não querer “destruir” um casamento firmado diante de Deus ou a recusa está associada ao desinteresse de deixar a “vida fácil”, usando como estratégia a máscara de boa moça? Todas afirmam que não querem permanecer no meretrício, mas elas não deixam e não tomam qualquer atitude para que isso ocorra, tanto que Duda, Ana Paula e Carol vendem sexo há mais de 10 anos. O que se percebe é que a afirmação de que esta será uma prática breve e passageira acaba sendo outra (das muitas) justificativa apresentada por elas para amenizar a imagem negativa que pesa sobre a atividade, sendo o “sonho” de abandonar a prostituição contado e recontado para amenizar o passar dos anos e amenizar

a crítica que possa provir de um ou outro lugar que as tenha sobre vigilância.

No embate constante entre duas formações discursivas antagonônicas (pró e contra a prostituição) e como forma de construir de si a imagem de “boa” mulher, as garotas recorrem, inclusive, ao discurso religioso (o que, do ponto de vista do senso comum, seria um despropósito absoluto). Afinal, ser “bom” sujeito, entre outras definições, também significa fazer parte de uma religião, respeitar os preceitos divinos e “amar a Deus sobre todas as coisas”, isso segundo o discurso religioso.

(SD 03) Que mesmo numa profissão como essa, as pessoas assim sempre acreditá em Deus. Sempre. Que tem pessoas, que, “ai, eu vou mexe com bandido”, “eu vou fazê isso”, “eu vou fazê aquilo”, não. O único ser supremo que se chama Jesus de Nazaré, Deus... **Eu nunca precisei desse negócio de pomba gira, Deus é o meu Deus mesmo.** Eu peço forças pra ele sempre, e é o que importa. **Todas as pessoas deveriam fazê,** que não tem como uma pessoa igual você, igual a mim tê poderes pra fazê um feitiço ou algo assim, então eu acho que é só Deus mesmo (Duda – grifos meus).

*De más a boazinhas:
a prostituição no fio
do discurso da moral*

183

Afetado pela ideologia e pelo inconsciente, o sujeito, como se percebe, é interpelado também pelos preceitos cristãos predominantes na sociedade ocidental, que, neste caso, diz respeito à história de longa duração e que resiste tenaz a alterações na sua forma de pensar e de dizer. Assim sendo, ele, fruto dessa história, acaba, involuntariamente, sendo determinado e tomado pela formação discursiva religiosa. Mesmo que não participe dos ritos e das cerimônias, o sujeito é, como se nota, atravessado pelos efeitos de sentido que essa instituição faz circular e os professa, incorrendo em uma “contradição” que parece apenas aparente, pois, no “descaminho” em que vive, unem-se o que é tido como pecaminoso (prostituir-se) e o que é aceito como sagrado (“amar a Deus sobre todas as coisas”) de uma forma sincrética, por meio de uma lógica particular que luta por fazer parecer lógico o que, do ponto de vista da moral vigente, é arbitrário e disfuncional: no fundo, sobrevive a tentativa tênue e fugaz (mas séria) de se proteger.

Quando Duda afirma que as pessoas devem “sempre” acre-

editar em Deus, ela se mostra crente nos princípios cristãos, mesmo que, talvez, ela não seja uma praticante; entretanto, dada a injunção ideológica do cristianismo, ela é constituída como se fosse cristã (e talvez realmente seja: eis a contradição vivida por ela, ser prostituta e contradizer o que ela mesma (re)afirma como “certo”) e se mostra devota. Segundo Orlandi (1987), o sujeito-fiel está ideologicamente inscrito na discursividade religiosa, submetendo-se, sem questionar, às regras, aos rituais e às crenças místicas dessa instituição. Os fieis reproduzem a discursividade e os sentidos da Igreja, sustentando e perpetuando seus ensinamentos, colocando a religião (Deus) acima de todas as coisas. Ser bom para essa formação discursiva é respeitar a Deus, sem questionar seus ensinamentos, dizendo “não” a outras práticas subversivas como “pomba gira” ou “feitiço”, exemplos apontados por Duda. Ou seja, ela é hostil e tenta se afastar de práticas tidas por marginais, como as das religiões não oficiais.

Mesmo contrariando os valores religiosos ao vender sexo, Duda, ainda assim, mostra-se como fazendo parte da formação discursiva religiosa e que é cristã e seguidora dos valores cristãos; que mesmo estando “numa profissão como essa”, ela deve acreditar em Deus, pois Ele “não abandona seus filhos”, mesmo sendo ela uma “ovelha desgarrada”.

Dentre enunciados chave da formação discursiva religiosa cristã, um deles é o de que a fé é capaz de elevar o homem, conduzindo à salvação e à “vida eterna”. Nas palavras de Orlandi (1987), “Entre as qualidades do espírito, está a fé, que é o móvel para a salvação. Isto é, dada a condição humana em relação a Deus, dada a separação indicada por essa condição (o pecado existe), a fé é a possibilidade de mudança, é a disposição de mudar em direção à salvação” (p. 250). Se Deus a tudo perdoa, Duda, ao procurá-lo, será perdoada por seus “pecados”. Ao mesmo tempo, a construção dessa base de pressuposição objetiva colocá-la num patamar diferenciado, como uma pessoa que se pauta nos preceitos vigentes e à qual não são aplicáveis os valores do senso comum reinante sobre a prostituição: ela se encontra num outro nível.

Apesar de tudo, porém e mesmo que as garotas de programa façam um esforço para estabelecer uma lógica que as desculpe, tanto o sexo quanto a sexualidade são, inescapavelmente,

vigiados e regulados por valores morais, que ditam e normatizam como o corpo deve comportar-se, fazendo dele um lugar em que mora a ideologia:

Em muitas sociedades, e particularmente na nossa, **o corpo é uma das entidades privilegiadas para o exercício da dominação**. A divisão social do trabalho e do processo de trabalho, as pedagogias (nas escolas, nas prisões, nos hospitais), o direito penal, a medicina, o consumo ou a filosofia evidencia **a presença de ideias e práticas que procuram confinar o corpo à região das coisas observáveis, manipuláveis e controláveis** (CHAUI, 1984, p. 167 – grifos meus).

Ainda segundo Chauí (1984), a moralização do corpo e, principalmente, do sexo é feita, preferencialmente, pela família e pelo trabalho, em que a escola e o Estado oferecem condições formais e legais para assegurar que essas interdições se efetuem.

Assim, inúmeros códigos de condutas são instaurados, seja pela instituição jurídica, visando, principalmente, assegurar punição aos crimes sexuais, por meio de penas corretivas; seja pela Igreja, que perpassa via ensinamentos religiosos o comportamento ideal para homens e mulheres, como o incentivo à virgindade feminina, por exemplo; seja pela Escola que vigia, separa e ensina condutas a meninos e meninas; seja pelo discurso médico que, muitas vezes, elabora e contribui para a permanência de códigos normativos sobre a sexualidade do homem; seja pela Família que desde cedo desenha aos membros o comportamento aceitável para homens e mulheres. Se, por um lado, há instituições que cerceiam as práticas sexuais consideradas subversivas, por outro, há, para as prostitutas, o contrário: uma liberdade (sexual) muito maior. É o que afirma Rago (1993), ao mostrar como revistas do início do século XIX contribuía para firmar o espaço controlado das mulheres que desejavam ser senhoras e senhoritas respeitáveis, ditando modelos e condutas que deveriam ser seguidos e evitando que se excedessem e fossem confundidas com prostitutas:

Propondo, portanto, a libertação feminina a partir de concepções biologizantes, as revistas preocupavam-se em mostrar como a formação do caráter da mulher passava pela educação dos sentidos, pela repressão da sexualidade, pela valorização da virgindade e pela preservação para o casamento. **Inúmeros artigos davam conselhos úteis**

*De más a boazinhas:
a prostituição no fim
do discurso da moral*

à mulher sobre como comporta-se diante das visitas, como tornar as refeições momentos agradáveis, como agradar o futuro esposo, como vestir-se e perfumar-se de modo a não ser confundida com as meretrizes (RAGO, 1993, p. 38 – grifos meus).

Esses procedimentos todos se faziam no sentido de, precavidamente, definir quem era quem no exercício social: ser esposa, a dona de casa, ou mulher “fácil”, mulher de “rua”:

O corpo é a base da percepção e organização da vida humana, tanto no seu sentido biológico como social. **Assim, falar, andar, olhar são modos socialmente determinados** de sentir e pensar e toda uma visão do mundo. Esta visão passa pela divisão social do trabalho: **há gestos e posturas, modos de ser considerados masculinos e femininos e através deles meninos e meninas se identificam com seu sexo, tal como ele é socialmente definido.** Daí a cisão cultural da visão do mundo do homem e da mulher. Assim, **qualquer gesto envolve o reconhecimento de uma ordem política dada, que distingue a posição hierárquica dos homens, das mulheres, das idades, etc.** (MURARO, 1983, p. 23 – grifos meus).

Percebe-se que, apesar de sua atividade se pautar no exercício da venda de sexo, usar o corpo, para as entrevistadas, não é uma atitude aceitável, o que confirma a moral aceita. Entretanto, para elas, “pior” do que isso seria oferecer sexo gratuito (tangendo a negação para as mulheres da própria possibilidade de prazer no sexo). Com relação a este aspecto, pode-se detectar uma contradição entre o que pensam e afirmam: as entrevistadas se posicionam contra a promiscuidade, mas são a favor de ser promíscua (já que a prostituição é vista assim pelo imaginário discursivo), se a isso estiver relacionado o comércio do sexo e aos ganhos financeiros. Percebe-se, portanto, que mesmo que de uma maneira “ilógica”, elas precisam “justificar” logicamente (ou mesmo “defender”) a prática que exercem:

(SD 04) E cada um é dono de seu nariz, né? **Usa seu corpo conforme qué, né? Tem tantas menininha por aí, novinha, de 13, 14 ano, sai com um hoje, sai com outro amanhã, sai com outro, um monte de mulecada, piizada. Não se cuidam. E não cobram** (Ana Paula – grifos meus).

(SD 05) E outra coisa, **a menina que não precisa, não vir**. Tente fazer alguma coisa pra não chegar ao ponto de estar aqui dentro. Com certeza. **Que vá estuda, vai fazer curso, dentro de todas as formas... agora se for pra ela saí dando de graça por aí, né? ou por droga, venha pra cá** (Carol – grifos meus).

Como se pode perceber, Ana Paula, na SD 04, mostra estar a favor da promiscuidade, inclusive, de garotas menores de idade, já que “cada um é dono de seu nariz” ela apenas é contra que o sexo ocorra com “um monte de mulecada” (não se dão valor), ao fato de que as meninas “não se cuidam”, ou seja, não se previnem contra as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e, acima de tudo, porque elas “não cobram”. Ou seja, Ana Paula não é contra a promiscuidade, mas, para ser promíscua, tem que cobrar. Eis mais uma contradição: em outras SDs, ela afirma ser a prostituição uma prática “ruim”, “condenável” e “imoral”, mas o discurso falha e ela revela não só que, de certa forma, defende a venda de sexo, mas que, inclusive, acha que outras garotas devem fazer o que ela faz.

Para Ana Paula, prostituir-se é “errado”, mas, como se fosse possível medir o maior ou menor grau de transgressão cometida, ser promíscua aos 13 anos é dado como sendo mais condenável do que vender sexo pautado nas justificativas apresentadas por elas: filhos, separação, falta de dinheiro, desemprego, influência de amigos e destino. Eis que o discurso dela é guiado pelo mesmo diapasão daquela que não é prostituta: o filtro de avaliação e de atribuição de valor é o mesmo. Ambas se guiam pela mesma moral. A entrevistada diz que cada um “usa seu corpo conforme que” e este é um dizer que ocorre no vácuo, é inócuo e ineficaz, pois, apesar de dizer que a escolha é livre e pessoal, ela condena as garotas por “não cobrarem”. Talvez, se elas cobrassem, não seria “tão errado” assim, pois, com certeza, elas teriam justificativas para venderem sexo, assim como as entrevistadas. No fim das contas, parece que, inclusive aqui, a “moral” econômica faz suas vítimas.

“Cada um é dono de seu nariz”, mas não tanto. Ana Paula até diz que cada um “usa seu corpo conforme que”, mas não é esse efeito de sentido que ela evidencia, já que não admite que possa ser de certo jeito. De certa forma, poderia dizer que o discurso de Ana Paula é ilógico, justamente por ela exercer uma atividade

*De más a boazinhas:
a prostituição no fio
do discurso da moral*

vista como marginal e isto a obriga a buscar uma racionalidade naquilo que, do ponto de vista social (mas não econômico), é irracional. Afinal de contas, pode ou não pode? Não pode, se for de certo jeito, mas se for do jeito que ela é, então está bom. Ana Paula julga com a mesma moral que é julgada; ela tenta se livrar da culpa (que, no fundo, acha que tem), mostrando que dar sexo é pior do que vender, ou seja, prostituir-se (para ela a venda do corpo está pautada em uma série de justificativas) é melhor do que ser promíscua e não cobrar pelo sexo concedido (já que para isso, aparentemente, não haveria justificativas).

Na SD 05, Carol afirma ser contra a própria prática, que é melhor “tentar fazer alguma coisa” para “não chegar ao ponto” de se prostituir. Nesse jogo de espelhos que refrata, mas não reflete, Carol não vê o próprio rosto, pois apaga o fato de que ela poderia estar buscando outra coisa (sem querer dizer que devesse, pois não se pretende julgar a atividade da garota), como ela mesma afirma, mas a denúncia da falta de moral está sempre voltada para o outro. E o filtro usado é o mesmo que é usado contra ela, embora ela não se aperceba disso. Como ela mesma aponta, a escapatória seria, “se for pra sair dando de graça”, que a menina vá a uma casa de prostituição e que seja uma prostituta que vende sexo: e não simplesmente “dá de graça”.

Apontar que é “errado” as meninas mais novas fazerem sexo de graça não é apenas realizar um juízo de valor sobre uma atividade, natural poder-se-ia dizer, mas é também um argumento em defesa da própria causa, pois, se há mulheres que têm relações sexuais com vários homens de modo gratuito, seja por que motivo for, torna a prostituta desnecessária; melhor que ela cobre, portanto, e se adapte à moral, desta vez, de prostituta, para que a concorrência não ocorra de forma desleal: uma questão mercadológica.

Por outro lado, negar o sexo livre, gratuito e com pouca idade se encaixa nos valores pregados pelo discurso religioso, em que reina a castidade, o sexo após o casamento e ainda sob a condição da procriação. A injunção do discurso religioso reflete nos preceitos morais de Carol mais do que ela se dá conta, pois, segundo a mesma visão religiosa, não se poderia vender sexo, ser promíscua e realizar sexo sem a intenção de procriar; entretanto,

mesmo sendo a pecadora que o discurso cristão prega, Carol parte desses mesmos princípios para defender a aceitação feminina frente ao sexo.

Partindo de um pressuposto geral que se pauta num determinado tipo de decência, na SD 05 é afirmado que o ideal para as moças, então, seria “estudar, fazer um curso, dentro de todas as formas”. Ecoa na voz de Carol que as moças devem dedicar-se aos estudos, garantindo um futuro promissor longe da “vida fácil”. O considerado “correto” para meninas é estudar e ter uma profissão e, por que não dizer: o ideal, segundo os preceitos sociais, não é também casar-se e ter filhos? Por meio da memória sobre a educação e, por consequência, da memória sobre pessoas que possuem o ensino superior, por exemplo, sabe-se que a escolaridade ocupa lugar de prestígio na sociedade e, com ela, pode-se conseguir ascensão social, tanto que as profissões são o maior exemplo disso; a atividade de um pedreiro (atividade que também exige conhecimento específico para exercê-la) é desmerecida frente a um advogado ou a um médico, por exemplo, que possuem anos de estudo. Dá-se mais valor a quem tem escolaridade elevada e quem não tem, segundo a SD 05, pode, então, comercializar sexo.

É necessário, assim, buscar outras maneiras de “ganhar” a vida “dentro de todas as formas”. “A menina que não precisa, não vir”, pois a prostituição só seria justificada se fosse a última alternativa, se fosse por falta de condições financeiras (ou pelos filhos, abandono do marido, como afirmado por elas). Quem não “precisa”, quem possui formação escolar (possibilidade de ter uma profissão reconhecida) ou mesmo tem condições financeiras não se encaixam no que se espera de garotas de programa: ela não é aceita pela sociedade que julga e condena quem pratica a venda de sexo como pelas próprias garotas colegas de profissão.

Assim, entrar para a prostituição por necessidade parece ser, diante de todas as SDs analisadas, o condicionante essencial que justifica a entrada para a prostituição e para a vida marginal, pesando, sobremaneira, neste sentido a maternidade: seja para tornar-se ou para manter-se nela/dela. Entretanto, “dar” sexo ou se prostituir por prazer é considerado “imoral” e não tem justificativa.

Percebe-se, na sequência, como a avaliação emitida se pau-

ta no mesmo pêndulo que pesa contra aquela que o usa. O fio da navalha que corta a carne da outra é o mesmo que corta e provoca sangramento na própria pele. A separação e o isolamento imposto sobre o outro é resultado da mesma intolerância sofrida e sentida no cotidiano. Eis a interpelação ideológica produzindo seus objetos e resultados: sujeitos.

(SD 06) Aqui teve um caso de uma menina, que **trabalhava no pedágio, ela tinha carro, tinha tudo, fazia faculdade na FAG⁶** e o pai dela um dia veio busca ela aqui dentro. E todas as menina que tavam aqui dentro choro de vê a dor do pai. Foi desesperador pra ele, porque ele dizia: **Eu dô tudo pra ela, ela tem tudo. Ela dizia: Mas eu gosto, eu quero.** Aí foi onde que nós, né? se mata aqui dentro, todo mundo choro. E ela sumiu, nunca mais... **o pai dela tirou tudo dela, tiro estudo, tiro tudo, tudo, tudo, tudo. Hoje ela tá se fudendo na vida porque perdeu a oportunidade. E nós já não têm essa oportunidade. Se nós tivesse, meu Deus... se eu tivesse oportunidade, não taria aqui nunca** (Carol – grifos meus).

As garotas de programa julgam com a mesma moral que são julgadas, inclusive avaliam as próprias colegas de trabalho. Ou seja, elas julgam a sua própria prática a partir do senso comum, porque, como sujeitos imersos nos valores ideológicos da sociedade em que vivem, não seria possível deixar de julgar os outros a partir dos valores incorporados também por elas. O sujeito do discurso não poderia estar fora do meio em que vive e, por isso, não conseguiria ver práticas condenadas com normalidade:

Juízos de valor não se contentam em dizer que algo é ou como algo é, mas **se referem ao que deve ser**. Dessa perspectiva, os juízos morais de valor são **normativos**, isto é, enunciam normas que dizem como devem ser os bons sentimentos, as boas intenções e as boas ações, e como devem ser as decisões e ações livres (CHAUI, 2003, p. 307 – grifos meus).

Olha-se no espelho e só se vê o outro: primeiro, porque não se quer olhar para si mesma e usar o mesmo fio avaliativo contra si; e, segundo, porque no reflexo do espelho só aparece a imagem do outro, pois, novamente, diz-se que o “erro” não está nelas, mas

⁶ Faculdade privada de Cascavel.

no próximo. Percebe-se uma mescla de “hipocrisia e falso moralismo”, mas, ao mesmo tempo, o próprio funcionamento da interpelação ideológica que evidencia o assujeitamento do sujeito.

Na SD 06, a garota que constitui o tópico discursivo é condenada pelo pai, mas também pelas colegas garotas de programa, por gostar de sexo e por ter prazer em ser prostituta. Ao relatarem a história, Ana Paula e Carol se mostram indignadas. Diante do efeito de evidência e do discurso naturalizado sobre a prática, uma garota que se prostitui por prazer será moralmente condenada, assim como as outras, mas, no caso dela, não haverá justificativas que a redimam. Parece que o fato de elas serem garotas de programa e de venderem sexo por dinheiro é apagado e esquecido e a única “julgada”, que merece sofrer as consequências, é a garota que se prostitui porque quer. Assim, “pior” do que vender sexo é gostar disso (mesmo que esse gostar, em si, também esteja relacionado a outras questões, como o exercício de poder perante os homens, vontade e prazer que surge pelo anseio dominador que se percebe ser possível de satisfação por meio da prostituição; anseio dominador de contraposição ao posto superior do homem na sociedade). O julgamento do próximo talvez impere tão fortemente na fala das entrevistadas porque, de certa forma, elas gostam do que fazem, mas não podem assumir, então penalizam a outra que efetivamente defende que sente prazer com a prostituição; é a outra que assume que está na “vida fácil”, porque gosta e não porque precisa. É o que inconscientemente elas recusam o tempo inteiro; se uma assume que faz porque gosta outros podem pensar que todas gostam e isto elas não querem admitir. De certa forma, a menina é o que elas são, mas não querem admitir que são.

Nas SDs 04, 05 e 06, elas **até** afirmam ser x (garotas de programa), mas porque desta vez negam y (“dar” sexo de graça, gostar de ser garota de programa). Elas **só** afirmam ser x, porque, desta vez, é melhor ser x (garota de programa que vende sexo pautada nas justificativas apontadas por elas) porque não seria conveniente ser y (ser promíscua, deitar-se com outros homens e não cobrar nada por isso); ou ainda preferem ser x do que ser y (gostar de ser prostituta).

Na SD 07, a seguir, nota-se a recorrência de uma determinada forma de avaliação pautada numa escala valorativa que

permite julgar aquele que deve ser considerado melhor ou pior para uma instância moral e, novamente, o diapasão usado para o julgamento é da interpelação ideológica religiosa, mas também capitalista e econômica:

(SD 07) **Não, eu não considero assim uma profissão. Claro que não é uma coisa boa, também não é uma coisa certa. É uma coisa errada, mas eu acho melhor vim pra, tipo assim, uma boate, do que matá, roubá, esse tipo de coisa, né? Porque se não tá fazendo mal nenhum, apenas se tá tipo usando seu corpo pra ganhar dinheiro, não é uma coisa certa, mas é melhor do que outra coisa, né?** (Mônica - grifos meus).

Elas dizem não aceitar que a venda de sexo seja uma prática correta e que seja incentivada, até porque elas estão imersas, como dito anteriormente, numa sociedade que condena a prostituição (bem como outras diversas liberdades com relação ao sexo). Além de se valer da negação como justificativa, pois elas poderiam estar roubando ou matando, a SD 07 revela que elas preferiram a prostituição por estarem pautadas em uma escala moral que julga a sua atividade como sendo menos agressiva à sociedade, pois a própria jurisdição brasileira, mesmo que elas não saibam disso, prevê penas para delitos de furto, roubo e assassinato e não para a prostituição. Discurso fortemente marcado pela FD religiosa, os mandamentos cristãos “Não matarás” e “Não roubarás” estão presentes na SD, mostrando a submissão das garotas aos preceitos religiosos: elas são, portanto, “boas meninas” (tanto em termos morais, quanto em termos de interpelação). O “mau” é aquele que mata e rouba; então, se elas não realizam estes delitos e preferiram a prostituição, podem não estar no “melhor” caminho, mas também não são as piores: no fundo, há uma tentativa de mostrarem-se como boas e de justificarem o que fazem, por meio da criação de uma autoimagem positiva.

Os “nãos” usados na SD 07 fazem pensar novamente em denegação discursiva, em que o recalque do inconsciente vem à tona por meio da negação no intradiscurso. O sujeito se diz, sem necessariamente dizer-se. Se a negação acaba tornando-se uma afirmação, então, Mônica considera a prostituição uma profissão, uma “coisa” boa e certa, até porque diz que é melhor ir a uma boate do que matar e roubar. O recalque leva a negar o que se

condena socialmente, até como forma de defesa e de omissão do que poderia condená-las. O discurso é denegativo e contraditório. Mônica também afirma que “não tá fazendo mal nenhum”, mas então estaria. Ao tentar livra-se da culpa por prostituir-se, afirmando que, comparado a matar ou a roubar, usar o corpo para ganhar dinheiro não é tão ruim assim, ocorre a reiteração do discurso que se acha cristalizado sobre a prostituição: vender-se por dinheiro seria uma prática “errada”. A negação que elas usam é apenas um quebra-galho para amenizar a situação vivida por elas e o “pecado” em que vivem.

O que a prática discursiva das garotas revela é que, no fundo, elas são pessoas boas e que estão adaptadas e em consonância com os valores sociais acordados. Apesar de se dizerem fora da rota prevista, elas tentam se mostrar como estando no “bom” caminho. Eis um discurso que luta para se mostrar coerente, quando sobrevive da incoerência, se a moral convencional é tomada como princípio normativo.

Considerações finais

As SD analisadas permitem concluir que as entrevistadas desejam fazer-se passar por “boas” mulheres, “respeitáveis” e que possuem uma conduta aceitável, já que seguem os preceitos morais estabelecidos. Elas buscam mostrar-se como atuando por meio dos “bons costumes” e condenam quem realiza práticas marginalizadas, apesar de elas o fazerem. Apontar o erro e condenar faz parte da trama social, em que os sujeitos, constituídos pela ideologia que os assujeita, reafirmam o que é “certo” e o que é “errado”. Além disso, defender os preceitos ditados por uma formação discursiva e segui-los (ou dizer que isto é feito) também é positivo e isto as transforma em boas mulheres que não aceitam as transgressões ou as justificam dentro de uma lógica toda própria e particular.

O que parece sobrar como fato é que, imbuídas da moral convencional, elas a reiteram e julgam a si e aos demais por meio dela, mas permanecem fazendo o que fazem por uma razão que está para além da sua compreensão ou do seu desejo de admissão de realizarem a atividade de que sobrevivem: fazem por que gos-

tam de fazer? Quem sabe? Elas não se afirmam como “erradas”, mas também não poderiam dizer o contrário; se a venda de sexo é condenada, elas também não aceitam a prática marginalizada, tanto que há justificativas para estarem ali e, de toda sorte, sempre há a intenção explicitada de sair do meretrício; mas o tempo vai passando, vai passando, vai passando...

Ao apontar a imoralidade dos outros, condenar o que não é aceito e se mostrar como seguidoras da moral vigente, elas parecem apagar o fato social de que são sujeitos à margem e que transgridem a conduta delineada como correta para a mulher. Elas estão sempre na defensiva. As entrevistadas se olham no espelho, mas não veem sua imagem nele, pois não se concebem como transgressoras; elas sempre têm boas razões para fazerem o que fazem. As outras é que não precisariam ser prostitutas: elas próprias não tiveram outra saída e estão onde estão por força das circunstâncias.

From bad girls to good girls: prostitution on the blade of the moral discourse

Abstract: Taking foundation on interviews made with four “female escorts”, prostitutes, (under the approval of the Ethical in Researches Committee (Comite de Ética em Pesquisa – CEP) of the Western Parana State University – UNIOESTE), this research aims to analyse some Discursive Sequences (SD), according to the French Stream of Discourse Analysis. It is understood that those woman judge according to the same moral pattern whereby they are judged. Then, in the following parts of the work, the objective is to find and contemplate the statements (utterances, stretches of text) where they appears as moralists and followers of the established moral about what is “acceptable” and “right”. In the research is noticed that the crystallized discourse about prostitution still commands and it is reflected in the speech of the interviewees, showing a contradictory discourse of women living

on the in-between: they are neither only on the margins (because they are also mothers, daughters, ex-wives), nor fully taking part of the social dynamics accepted as correct.

Key-words: Prostitution. Interviews. Discourse Analysis.

Referências

ASH, William. *Marxismo e moral*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática. 2003.

GIANOTTI, José Arthur. Moralidade pública e moralidade privada. In: NOVAES, Aduino (Org.). *Ética: vários autores*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MURARO, Rose Marie. *Textos da fogueira*. Brasília: Letraviva, 2000.

ORLANDI, Eni. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. 2. Reimpressão. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre (Org.). *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

RAGO, Margareth Luzia. Imagens da prostituição na Belle Époque paulista. In: *Cadernos Pagu: de trajetórias e sentimentos*. São Paulo: Unicamp, 1993. p. 31-44.

De más a boazinhas:
a prostituição no fio
do discurso da moral

195

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. 14. ed. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

Mirielly Ferraga

196